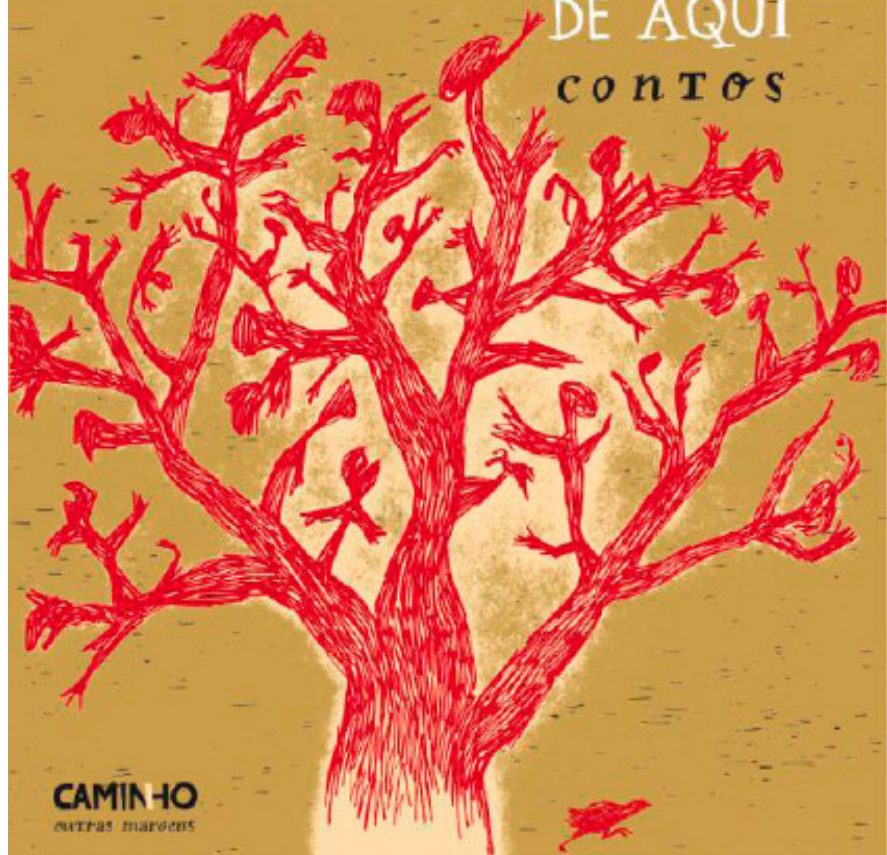


ONDJAKI

MOMENTOS
DE AQUI
CONTOS



CAMINHO
OUTROS MUNDOS

ÍNDICE

Ficha Técnica

pra ti avó agnette (deste-nos gigantescas maravilhas que só mais tarde viremos a interiorizar). pra ti cachimbinha (dizem que somos muito tu). pra vocês njolela, jujú, mana tchi, mana yala (sangue é um rio já muito íntimo). pra vocês naima, tó, nepos joaquim (me pregaram a libertação pessoal). pra ti sankarah (tu que sopras forças). pra ti tia rosa (tu foste só amor). pra ti natália (tua certa companhia). para as minhas professoras de português berta, angélica, sara (vocês me comentando também me moldaram). pra ti nuno leitão (sincero, me avisaste: «escreve»!).

Prefácio

pra ti avó agnette (deste-nos gigantescas maravilhas que só mais tarde viremos a interiorizar). pra ti cachimbinha (dizem que somos muito tu). pra vocês njoleta, jujú, mana tchi, mana yala (sangue é um rio já muito íntimo). pra vocês naima, tó, nepos joaquim (me pregaram a libertação pessoal). pra ti sankarah (tu que sopras forças). pra ti tia rosa (tu foste só amor). pra ti natália (tua certa companhia). para as minhas professoras de português berta, angélica, sara (vocês me comentando também me moldaram). pra ti nuno leitão (sincero, me avisaste: «escreve»!).

paula t., isabel g., mia — um kandandu; vocês tresandam a simplicidade.

pra ti ionesco.

Prefácio

As visitasões de Ondjaki

Para uns a literatura já não é arte — é religião. A literatura é o território sagrado onde se inventa um chão e nos sentamos com os deuses. O lugar onde, também nós, somos deuses. No momento dessa relação, estamos fundando um tempo fora do tempo. E nos relegamos com o universo. É isso que torna num momento divino esse pequeno delírio que é o acto de inventar.

Este jovem, este Ondjaki, experimentou muito cedo essa embriaguez. Bebeu dessa poção e agora se tornou em estório-dependente. Se tivesse que ser punido teria que responder não apenas pelo consumo mas pela produção e distribuição dessa droga.

Esta dependência da fabulação mergulha sempre na infância. Esse desejo de escrever não na página mas na própria voz— isso é vício que se retorceu em pequeno. E se reforçou num mundo cheio de oralidade. Felizmente, Ondjaki não se lavou dessa doença. Porque o que ele faz não é o simples deitar de uma história na página do livro. Mais do que isso: ele cria uma história para a nossa própria vida. Essa nossa vida que é a única e milacurosa fonte de acontecência. Se existe viagem é esta: percorrer as diferentes fabulações de nós mesmos, contar essas maravilhações aos outros. E confessar, sem vergonha pública: olhe, eu estou sendo este. Mas já fui uns que morreram. Quem sabe serei quem, depois deste mim?

Este é o motivo de quem escreve como e com Ondjaki — desengaiolar sentimentos. E descobrir que todos voam, não havendo pequenos nem grandes. Essa visitação aos muitos que somos, às múltiplas dimensões da nossa existência, é a razão de ler estes momentos de aqui.

I
Os momentos

O Padre, o Mar e o faroleiro

O mar cheirava a uma vela inchada pelo vento, onde a água, o sal e um sol frio se uniam.

Tinha um odor simplório, o mar!

patrick süskind, *o perfume*

O Padre estava preocupado. Por um lado eram as beatas que se queixavam, em plena confissão, do ladrão de galinhas; por outro, era a mãe do faroleiro que de dois em dois dias ia propositadamente à missa para o poder abordar no fim desta. Falava então da solidão do filho. Da sua estranha comodidade num lugar repleto de mau ambiente e sombras duvidosas. De cada vez que falasse ao Padre, implorava-lhe que fosse ver o faroleiro, seu filho, e que o aconselhasse a levar uma vida mais sã, menos só, enfim, a vida que as pessoas normais levavam e que ela não via no seu filho.

Ao fim de três semanas, irritado por não resolver nenhuma das questões pendentes e como vendo que elas não se dissipavam por si mesmas, resolveu começar pela questão do faroleiro:

— Mas Dona Odete — começou o Padre como se esta fosse a primeira vez que a ouvia falar de tal assunto —, o seu filho leva uma vida assim tão só? ou o próprio Adelaide Mortinho. Mas seria difícil àquela hora encontrar qualquer um deles. Provavelmente Jeremias estaria longe a jantar e Mortinho não viria à Aldeia, visto não ser dia de cinema.

Sentou-se então na praça e pôs-se a pensar no nome de Adelaide Mortinho. Sabia aquela história. É que Dona Odete Mortinho, que se dizia ser estéril, fez a promessa de chamar Adelaide ao filho que tivesse, por razões que ela até hoje omite, está claro. E assim foi. Teve o seu primeiro e último filho. Apesar das promessas mais incríveis que se seguiram ao nascimento de Adelaide.

O Padre pensou que vendo as coisas com olhos atentos, talvez não fosse tão estranho o comportamento de Adelaide Mortinho. Na realidade, os Mortinho eram uma família de quem só se sabia praticamente o nome. Tirando as coisas que se viam e ouviam, ninguém conhecia aquela família na sua verdadeira intimidade.

Lá para as nove, o sono tentou aproximar-se. Para afastá-lo, o Padre levantou-se e forçou o corpo a mais uma curta caminhada até à igreja. Mas a caminhada não o acordou e os últimos movimentos de antes de se deitar foram já executados pelo seu apurado costume de tantos anos. Adormeceu sem rezar, como fazia tantas vezes.

Matabichou minutos depois de acordar e pôs-se então a rezar. Acreditava que as intenções contavam quase tanto como as acções, por isso não se martirizava com os seus lapsos, os seus sonos, ou as suas faltas enquanto Padre.

Logo depois da missa, a Dona Odete voltou a abordá-lo:

— Padre, já que o meu filho não vem à Aldeia, o Padre não poderá fazer-lhe uma visitinha?

— Mas Dona Odete, o farol fica a três quilómetros da Aldeia e é sempre a subir — dizia o Padre ilustrando com a mão e com a expressão facial um trajecto que lhe parecia impossível de se fazer a pé.

— Mas Padre, e se lhe aconteceu alguma coisa?

— Não, não houve nada. Todo o mundo sabe que as más notícias voam...

— E o senhor Padre não podia mandar alguém chamá-lo?

— Sob que pretexto, Dona Odete?

— Pois... não tinha pensado nisso...

— A senhora sabe perfeitamente que Mortinho não virá à Aldeia por qualquer coisa.

— E se inventarmos uma fita qualquer? Um filme que ele queira muito ver?

— «Inventarmos», Dona Odete?! — exclamou o Padre.

— Sim, quer dizer, pode mandar o recado em meu nome.

— E por que mandaria eu tal recado?

— Oh, Padre, não me faça crer que o meu filho está lá no farol isolado...

— Mas é o que a senhora me tem dito.

— Eu?

— Pois então não é por isso que me procura? Pelo constante isolamento do seu filho?

— Oh, senhor Padre — disse ela num tom mais aliviado. — Mas esse é outro isolamento.

— Ai não, Dona Odete. Isolamento é só um, e se me diz que o seu filho não está isolado, então esquecemos o assunto já aqui — disse o Padre, esforçando-se por dar ao assunto uma total falta de funda-

mento.

— Ai isso é que não, Padre! — disse ela retirando-se da igreja em tom pensativo. Sem se despedir, saiu apressada e o Padre percebeu que ela ia procurar um eventual mensageiro.

Arrumou sozinho, como sempre, os acessórios pobres das suas missas. Sem pressas, despiu-se e pôs de seguida o seu fato macacão e as botas de jardinagem. Foi então cuidar da horta e por meros segundos passou-lhe pela cabeça a história dos ladrões de galinhas, mas num acto de autodefesa pensou em voz alta: «um assunto de cada vez!».

Nestas distrações, esborrachou com as velhas botas um belo tomate. «Desculpa», pensou, «é que não posso pensar e ver ao mesmo tempo». Era sempre assim. Resumia os assuntos a uma simplicidade extrema e encarava os acontecimentos como um plano há muito traçado pelo Senhor. Evitava chatear-se. No fundo, era uma precaução desnecessária, pois nunca se chegava a chatear.

À tarde foi ao Centro. Estava fechado e bem cheiroso. Ouviu movimentos enérgicos no interior e arriscou bater. «Quem é?», ouviu-se a voz percorrer a sala e sair pela frecha da janela principal. «S. Pedro!», disse o Padre em tom irónico. Belito abriu a porta e adoptou um ar muito bem-disposto que guardava sempre intacto para as pessoas de quem gostava. «Entre, Padre, entre.»

Como as cadeiras estavam em cima das mesas o Padre encostou-se ao balcão. Deitou um olhar que nada via às coisas desarrumadas e coloridas das prateleiras, virou-se para Belito e perguntou-lhe em tom familiar:

— Sabe de alguém que vá para as bandas do farol?

— Sei sim, Padre.

— Óptimo! Vou precisar de mandar um recado.

— E é para hoje?

— Em princípio, sim. Porquê? — indagou o Padre tentando perceber que obstáculo seria aquele.

— É que a pessoa que vai para essas bandas não está cá na Aldeia...

— E quem era essa pessoa?

— Era Adelaide Mortinho, o faroleiro! — respondeu Belito como se fosse a verdade mais verdadeira e evidente à face da terra.

— Ahn... — exclamou o Padre, atrapalhado. — Então deixe estar. Passe bem.

— Igualmente, Padre.

Quando saiu novamente à rua, já o sol ardente o esperava sem piedade. Acelerou o passo e prostrou-se como uma estátua em baixo do imbondeiro enorme da praça. Quem o visse de longe pensaria que o Padre estava absorto nos mais profundos pensamentos. Mas não. Sem se desequilibrar, com os olhos praticamente fechados, o Padre dormia. E naquela tarde, quem diria!, até sonhava.

Foi o próprio sol que o acordou na quentura da perna esquerda. Afinal tinha calculado mal as distâncias e a sombra do imbondeiro já não o protegia tão bem. No auge da sua sonolência pôs-se a caminhar em direcção ao farol. Aproveitava aquele estado para não se aperceber da distância. Da sua janela distante, Dona Odete observava-o satisfeita, vendo naquele vulto uma forte determinação que não estava lá. Noutra janela, também intrigado, estava Belito. No ponto exacto onde se interceptavam esses olhares, lá ia o Padre aproveitando-se da sua sonolência para empreender uma subida que, em estado normal, não faria nunca.

Percorreu os três quilómetros sem dificuldade e só se permitiu acordar quando esbarrou com o nariz na porta do farol. Olhou para atrás e viu lá em baixo, distante, a bela Aldeia. Depois voltou-se e olhou o Mar. Aí sim, passou-lhe o sono. Esvaziou-se a cabeça de pensamentos e encheu-se o coração de sensações. Era belo o Mar. Era verdadeiramente encantador e atraente. «Tenho de vir cá mais vezes», planeou.

Quando ia bater à porta, a sua mão inclinou-se em pleno vazio. A porta abriu-se, ou melhor, Adelaide Mortinho abriu-a.

— Padre! — exclamou com vivacidade.

— Meu filho! Posso entrar?

— Com certeza, Padre — explicou com a ajuda da mão direita,

pois a esquerda tinha um livro. — Mas, entrar para onde, se as escadas começam já aqui?

— Então vamos subir! — afirmou o Padre com a natural coragem daqueles que com a sua idade acabavam de percorrer três quilómetros sem dificuldade.

Estupefacto, quase rejuvenescido, o Padre olhava agora o Mar por detrás da enorme janela do farol. Sem palavras, porque não as havia naquele momento, limitou-se a levantar as mãos até embater no vidro, como se fosse tocar, agarrar, consumir o Mar. Olhou então para trás e viu Mortinho sorrindo, como se compreendesse perfeitamente aquela sensação. Deixou-se estar assim uns minutos e depois acordou:

— Mortinho, a sua mãe pediu-me que viesse falar consigo.

— Sim, eu sei, Padre.

— Sabe? Como?

— Provavelmente está preocupada porque já não vou à Aldeia...

— Pois, é mais ou menos isso — disse o Padre, que ouvindo as últimas palavras de Mortinho, não conseguiu encontrar nada de estranho naquela situação.

— É simples, Padre. Estou cá há dez meses e tinha pouco o que fazer, por isso ainda ia à Aldeia. Mas recebi no mês passado uma boa remessa de livros que tinha requisitado. Não há filmes bons na Aldeia e tenho aqui tudo o que preciso...

— Tudo, meu filho?

— Acha que não, Padre? — perguntou Adelaide Mortinho apontando para a sala, terminando na janela inundada de Mar. — Acha que isto não é tudo?

O Padre deu então outro olhar à sala. Na sua aparente desarrumação reinava uma certa ordem. De um lado, o monte de livros. Ao centro, a secretária com botões intermináveis e luzes incompreensíveis. Do outro lado, fitas de música e mais livros. E em redor do cilindro gigante que era aquele farol, uma janela, uma varanda e o respectivo Mar. Como que compreendendo o olhar do Padre, Adelaide Mortinho, o faroleiro, dirigiu-se lentamente para uma das

portas laterais que davam para a varanda. «Venha, Padre.» Uma brisa fresca entrou pela sala, mas não se interessando por nada, voltou a sair. Com ela foram para a varanda o faroleiro e o Padre. Do alto do farol parecia dominar-se o Mar. Ou simplesmente, poder-se calcular e sentir o seu poder, a sua imensidão. Diante da beleza, da brisa, e levado pelas sensações que só o Mar sabe provocar, o Padre exclamou comovido:

— Isto pode ser tudo!

Adelaide Mortinho ouvia o Padre mas continuava a olhar o Mar. Era um olhar diferente do do Padre: olhar fraterno mas respeitador. Tinha o seu quê de companheirismo e de servidão ao mesmo tempo.

— Compreende, Padre, que eu não precise de ir à Aldeia?

Um silêncio suave serviu de resposta. O Padre não era capaz de falar. Todas as suas dúvidas, essas poucas que lhe restavam, tinham-se desvanecido. Compreendera de uma vez por todas que os homens eram meros instrumentos de um poder infinito. Que não compensava ir contra os acontecimentos mas antes saber aceitá-los. Sempre silencioso, o Padre saiu da varanda acompanhado do faroleiro. Olhava-o com ternura e brilho nos olhos. O espectáculo tinha-o marcado muito mais do que tudo aquilo que o faroleiro podia ver nos seus olhos. Sem parar de olhar o Mar, tomaram um chá e comentaram em voz alta, poesia ou textos que condiziam com aquele momento.

Atravessaram a porta. Já lá em baixo, dirigiram-se à berma da falésia e olharam, compreensivos, encantados, um para o outro. Num tom baixo, calmo, apropriado, Adelaide Mortinho disse para o Padre:

— Vá ter com a minha mãe. Ela precisa de ajuda!

O Padre sorriu leve, levemente. Consentiu com a cabeça mas pôs o assunto na fila dos seus assuntos a serem tratados com calma. «Tudo a seu tempo», pensou. «Por agora terá de ser o caso das galinhas!»

Apertaram demoradamente as mãos e despediram-se com um olhar. Mortinho estava satisfeito por se ter feito compreender. O Padre estava encantado por ter encontrado toda aquela beleza. Naquele mesmo instante, deitou abaixo toda a sua futura preguiça e

amaldiçoou sem grande convicção os dias em que não pensou vir ao farol. Olhando todo aquele Mar, prometendo-se que voltaria ali mais vezes, o Padre olhou também o faroleiro. Num tom simples e amistoso, disse:

— É um lugar mágico, Mortinho!

Encostando as costas, o rabo e a nuca ao seu farol, Adelaide Mortinho, o faroleiro, falou com a voz sólida uma verdade que parecia saber desde o dia do seu nascimento:

— Nunca duvidei disso, Padre!

O autoclismo da Tia Fatucha

— *Mas a senhora não viu os bandidos? — começou o Polícia.*

— *Não tive tempo...*

— *Num teve tempo?!? Aqui você tem de ter tempo pra olhar os bandidos...*

— *Sim... não tive tempo... o quê que queria que eu fizesse?*

— *Que fugias...*

— *Ai sim...? Fugas como?— disse a Tia Fatucha já irritada.*

— *Sei lá... metias o teu pé no fundo do acelerador... — concluiu o jovem Polícia.*

A Tia Fatucha sempre puxava o autoclismo duas vezes. A primeira era para evitar o mau cheiro e a segunda, para levar o papel higiénico usado. Contudo naquela manhã as duas funções foram executadas por uma só puxadela de autoclismo, aviso do destino camuflado no rompimento de um dos seus hábitos mais antigos. Mas

a Tia Fatucha que sempre puxava o autoclismo duas vezes, não percebeu esse prenúncio da canalização.

Saiu da casa de banho com uma sensação estranha. Movimentando-se naquela lentidão própria dela e da manhã, foi-se arrastando para a cozinha, onde matabichou, e para o quarto, onde foi acabando de preparar a mala. Depois de se ter arrastado pela sala e pela varanda, onde foi buscar as últimas coisas, voltou à casa de banho para se preparar definitivamente. Eram seis e tal da manhã quando saiu de casa, dirigindo-se para o aeroporto. Pouco antes de lá chegar, lembrou-se de pequenas coisas não trazidas. Voltou a casa e, em seguida, voltou a dirigir-se para o aeroporto. Logo, foi junto das sete que se aproximou do largo do aeroporto.

Aproximou-se, disse bem, porque nunca chegou a passar por ele. Sem dar por isso, foi sendo periodicamente forçada a encostar o carro ao passeio. No assobio matinal, naquela distração inerente à condução solitária, sentiu que uma presença automobilística se encostava ao seu carro com uma proximidade que, por pouco, provocaria o contacto físico entre as viaturas. A fim de evitar tais intimidades encostou-se ao passeio e parou. Antes mesmo de acordar definitivamente, antes mesmo de olhar para os quatro homens e as suas metralhadoras, antes de pensar em qualquer coisa que fosse, sentiu nas narinas vastas um cheiro a fumo e a borracha queimada. Acordou então. A sua consciência, atrasada, identificava o cheiro de fumo com o fumo do seu carro a arrancar violentamente, e o de borracha com a borracha dos seus pneus a derraparem no chão mais próximo. Ai... mas o quê que se passa...?», disse, no momento em que despertou para a realidade do assalto.

Virou o olhar para um lado e viu uma estrada comprida. Quando o virou para o outro, encontrou a viatura que tinha assediado a sua. Ligada, de portas abertas, iminentemente pronta a ser usada. Contudo sentiu-se enervada pois aquela viatura lembrava-lhe o seu carro ausente e, ao mesmo tempo, fazia-a sentir-se trémula, incapaz de decidir o que fazer. Quando a frase «o quê que se passa?» a surpreendeu e assustou, virou-se e encontrou ao seu lado um agente